

# FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

Submetido em: 16/1/2025

Aceito em: 29/5/2025

Publicado em: 30/7/2025

José Pedro Boufleuer<sup>1</sup>

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2025.122.16917>

## RESUMO

O artigo tematiza a trajetória do professor Mario Osorio Marques, destacando a sua vasta produção de pesquisa em educação a partir de suas principais publicações em livros. Cada publicação é situada no contexto teórico em que se insere, nas perspectivas teóricas que a sustentam e nos aspectos inovadores que apresenta. Uma segunda parte do artigo se ocupa com um tema para o qual o autor oferece uma importante contribuição a partir de sua vasta produção de pesquisa, qual seja, o tema da aprendizagem humana, desdobrado também para o âmbito dos processos formais de ensino. Em conclusão, o artigo destaca o legado de vida do professor Mario Osorio Marques, com considerações que atestam que as perspectivas teóricas sustentadas no âmbito de sua vasta produção de pesquisa encontram efetividade prática em sua vida, atestada por aqueles que com ele conviveram.

**Palavras-chave:** Mario Osorio Marques; Pesquisa em educação; Formação humana; Aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Ijuí/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-3926-5164>

## TRAINING AND LEARNING IN MARIO OSORIO MARQUES

## ABSTRACT

The article focuses on the trajectory of Professor Mario Osorio Marques, highlighting his extensive research contributions to education through his main book publications. Each publication is contextualized within the theoretical framework it belongs to, the perspectives that support it, and the innovative aspects it presents. The second part of the article addresses a theme to which the author has made a significant contribution through his extensive research: human learning, including its implications for formal teaching processes. In conclusion, the article emphasizes the life legacy of Professor Mario Osorio Marques, with reflections affirming that the theoretical perspectives underpinning his vast body of research are practically effective, as attested by those who knew and worked with him.

**Keywords:** Mario Osorio Marques; Education research; Human formation; Learning.

## INTRODUÇÃO

Mario Osorio Marques (1925-2002) foi frei capuchinho, exercendo a maior parte do seu ministério em Ijuí, no estado do Rio Grande do Sul. Foi líder comunitário e um dos idealizadores da instituição que hoje é a UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Após deixar o ministério sacerdotal assumiu em tempo integral a docência na Universidade, destacando-se como um intelectual com pensamento inovador e capaz de estabelecer um amplo e fecundo diálogo teórico entre diferentes correntes e autores da tradição filosófica e pedagógica. É a sua trajetória como pensador da educação que aqui será tematizada.

O presente artigo se divide em duas partes principais. Num primeiro momento se apresenta uma visão geral da produção de pesquisa em educação de Mario Osorio. Para isso, apresentam-se as suas principais publicações, indicando o contexto teórico em que surgem e destacando as contribuições mais específicas para o debate educacional. Num segundo momento, o artigo apresenta o modo como Mario Osorio pensa a aprendizagem humana, tanto em seu sentido mais amplo como na forma que se desdobra em contextos formais de ensino. O tema da aprendizagem, no caso, é compreendido à luz de perspectivas teóricas estabelecidas

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

ao longo de vários anos de pesquisa sistemática em torno das questões do conhecimento, da pedagogia, da docência, da racionalidade, dentre outras, que vão permitir ao autor pensar a aprendizagem, considerando, fundamentalmente, a forma como nos tornamos humanos e constituímos mundo comum. Por fim, à guisa de conclusão, o artigo esboça o que se pode considerar um legado de vida do professor, pesquisador e ser humano que foi Mario Osorio Marques, e que permanece como inspiração para os que o conheceram em vida ou que tiveram contato com a sua obra.

### **Visão geral da obra de Mario Osorio Marques**

Depois de ter escrito “Universidade Emergente: o ensino superior brasileiro em Ijuí” (1986), que reconstrói o processo de instauração do ensino superior nesta região do Rio Grande do Sul, Mario Osorio começa a trabalhar numa linha de pesquisa que o marcaria como intelectual acadêmico propriamente dito: a discussão da educação na recorrência ao pensamento filosófico. Como pesquisador do CNPq, Mario Osorio busca a reconstrução das bases teóricas do seu pensamento através de um audacioso projeto de revisão da tradição filosófica que trata do tema do conhecimento. O resultado desse intento reconstrutivo aparece em 1988, através do livro “Conhecimento e Educação”. Neste estudo, Mario Osorio parte do pressuposto de que “lida a educação, fundamentalmente, com o conhecimento” (1988, p. 8). Por isso, é na perspectiva da revisão das bases do conhecimento que ele espera poder tecer considerações fecundas sobre a educação e indicar para novas possibilidades no âmbito do seu fazer.

A ideia que orienta “Conhecimento e Educação” é a da “intergênese do conhecimento e da realidade na unidade do sujeito e do objeto”, título do segundo capítulo deste livro. Em seu entender, conhecimento e realidade se geram em reciprocidade, com o que indica também para a superação da perspectiva dicotômica das relações sujeito e objeto. Para entender o conhecimento considera necessário, portanto, analisar as condições específicas de cada momento histórico para ver como aí se reconstruem os saberes da tradição, através da educação, em função das circunstâncias e demandas que aí se põem. Para isso, já indica, é

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

preciso também superar a dicotomia fundada no “dualismo grego entre o vulgar ou o saber da vida cotidiana e o saber erudito ou saber da escola” (1988, p. 8).<sup>2</sup>

No que concerne à apreensão do fenômeno da educação, a ideia que o orienta nesse momento da produção de pesquisa é a da alteridade que emerge na “relação educativa no face-a-face do educador e do educando”. Na perspectiva assim posta, a anterioridade do educador se abre à novidade e aos sentidos do educando para a recriação de um mundo novo. Trata-se de uma influência do pensamento ético-antropológico de Enrique Dussel, filósofo argentino, radicado no México, que reflete sobre as possibilidades de uma ética de libertação latino-americana, e que indica para o reconhecimento do outro como possibilidade de superação das totalidades opressoras, sejam elas políticas, pedagógicas ou outras.

Na continuidade de seu projeto de discussão da educação, Mario Osorio encara o tema da Pedagogia, assumindo posição em relação à questão da existência ou não de uma ciência da educação. Quanto à posição assumida, o próprio título do livro que apresenta o resultado desta sua investigação não deixa dúvidas: “Pedagogia: a ciência do educador”, publicado em 1990. Este livro marca a inserção de Mario Osorio no debate pedagógico nacional. Marca exatamente pela ousadia de afirmar posição com base em referenciais teóricos que mal e mal haviam chegado ao debate da educação no Brasil. É nesse momento em que Mario Osorio assume a “guinada linguística” e a perspectiva da intersubjetividade, o que lhe é possibilitado pela recorrência à tradição hermenêutica, à racionalidade comunicativa e à teoria da complexidade. Hans-Georg Gadamer, Jürgen Habermas e Edgar Morin tornam-se interlocutores privilegiados deste momento de sua reflexão e produção de pesquisa. Com essa companhia intelectual, Mario Osorio se autoriza a falar numa “ciência da educação”, entendendo que deva a Pedagogia assumir esse lugar ou essa condição. Para essa construção teórico-conceitual ele se vale também do debate da pedagogia alemã, na recorrência a uma das obras de Schmied-Kowarzik (1988), de quem assume a ideia de uma Pedagogia que se entende como “teoria da prática para a prática”, em cuja perspectiva se situa, também, a teorização de Paulo Freire aqui no Brasil.

---

<sup>2</sup> Cabe destacar que essa incursão no tema do conhecimento não se descola da trajetória de Mario Osorio como líder comunitário e articulador de diferentes entidades associativas, em cujo âmbito, sempre buscava estabelecer um diálogo entre os conhecimentos do cotidiano das pessoas e as perspectivas construídas no âmbito do saber teórico.

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

A indicação de uma Pedagogia como ciência da educação se dá através do que Mario Osorio chama de “coordenadas teórico-metodológicas de uma Pedagogia da compreensão, da organização e da condução dos processos educativos”. Tais coordenadas, como fica evidenciado, articulam as perspectivas da hermenêutica (compreensão), da razão comunicativa (condução crítico-reflexiva) e da racionalidade técnica (organização). Essa construção se inspira, pelo menos em boa medida, num artigo de Manfredo Araújo de Oliveira (1987) intitulado “A teoria da educação no conflito das racionalidades”. Mario Osorio, no entanto, já não mais reflete em termos de “razões em conflito”, ou de paradigmas estaques, como se fazia, por exemplo, através da transposição do esquema dos interesses do conhecimento explicitados por Habermas (1987) para o campo da educação, mais especificamente para o campo do currículo.<sup>3</sup> Na perspectiva de Mario Osorio, a racionalidade comunicativa, assim como propõe Habermas em sua teoria da ação comunicativa, se torna o novo “guarda-chuva” que abriga as diversas dimensões da razão, unindo-as num conceito ampliado, numa “razão de múltiplas vozes”.<sup>4</sup>

A partir de um conceito de Pedagogia que se articula em torno das dimensões da compreensão, da condução e da organização dos processos educativos, Mario Osorio visualiza três âmbitos de reflexão: 1) O das práticas educativas diretas e imediatas entre educadores e educandos (a sala de aula, por exemplo); 2) O da pedagogia da educação institucionalizada (como ocorre na escola); 3) O da pedagogia das práticas coletivas no espaço público (no âmbito da publicidade, por exemplo). Cabe frisar que a partir do indicativo desses âmbitos de atuação do pedagogo reorganiza-se o Curso de Pedagogia na UNIJUÍ, passando-se a usar expressões e a estabelecer habilitações como as do “Pedagogo da Sala de Aula” e “Pedagogo da Escola”, além de conferir uma maior ênfase às possibilidades de inserção do pedagogo em espaços diversos da sociedade que demandam atuação e reflexão de ordem pedagógica.

Uma vez indicado esse espaço de atuação do profissional da educação, e do pedagogo em específico, Mario Osorio vai se ocupar de sua formação. Enceta ele, então, uma pesquisa

---

<sup>3</sup> Uma síntese e retomada desse debate pode ser conferida em Boufleuer (1993).

<sup>4</sup> A proposição dessa nova arquitetura teórica para compreender e situar o campo de estudos da Pedagogia impactou o debate nacional, enredado àquela altura, poderíamos dizer, na explicitação de correntes, abordagens e tendências pedagógicas que eram tomadas, não raramente, como perspectivas de tal forma distintas que se excluía mutuamente. Tratava-se de um contexto que evocava o que John Dewey escreveu em 1938: “O homem gosta de pensar em termos de oposições extremadas, de polos opostos. Costuma formular suas crenças em termos de “um ou outro”, “isto ou aquilo”, entre os quais não reconhece possibilidades intermediárias. [...] A filosofia de educação não faz exceção a essa regra (Dewey, 1979, p. 3).

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

que vai resultar no livro “A Formação do Profissional da Educação”, publicado em 1992. Neste livro, Mario Osorio recupera todo o debate nacional em torno da formação dos profissionais da educação, com destaque para a formação através do Curso de Pedagogia. Esta produção de pesquisa reflete, em boa medida, o momento de sua inserção no processo de formação de professores da UNIJUÍ e as iniciativas tomadas no âmbito do, então, Departamento de Pedagogia. Cabe destacar que a obra aborda as múltiplas dimensões da formação do profissional da educação, como a ético-política, a articulação teoria-prática, o significado da experiência, a gestão democrática, os eixos de formação<sup>5</sup>, dentre outras. Cabe destacar que esse livro teve uma publicação em grande escala por parte do MEC – Ministério da Educação e Cultura –, com ampla distribuição em nível nacional. Com esta publicação, Mario Osorio conclui o que tem chamado de tríade de seu projeto inicial de pesquisa sobre educação: conhecimento, pedagogia e formação do profissional da educação. Depois, como veremos na sequência, novos desdobramentos vão aparecer no âmbito de sua inserção no debate da educação.

O próximo projeto de Mario Osorio seria o da tematização mais pontual da aprendizagem em contextos de educação e de formação humana em geral. Antes, porém, entendeu necessário proceder a uma retomada da questão do conhecimento, o que vai se concretizar no livro “Conhecimento e Modernidade em Reconstrução”, publicado em 1993. Embora tivesse se ocupado com o tema em “Conhecimento e Educação” (1988), as suas novas reflexões e interlocuções lhe sugeriam a necessidade de fazer um novo esboço de compressão do tema do conhecimento, enfocando a modernidade, suas sementes gregas e hebraicas, a crise da modernidade, a pós-modernidade e as possibilidades que ele vai chamar de uma modernidade reconstruída sob uma razão ampliada, uma razão comunicativa. Esta obra, pode-se dizer, além de atualizar o debate sobre a temática do conhecimento, em nova visão de síntese, faz jus às perspectivas que vinham embasando sua produção de pesquisa

---

<sup>5</sup> Os eixos de formação talvez fossem um dos aspectos mais inovadores dessa perspectiva de formação do profissional da educação. Ao invés de pensar os currículos dos cursos na forma de elencos de disciplinas simplesmente justapostas, propunham-se linhas e eixos articuladores para cada turma semestre, numa concepção unitária do processo de formação, articulada em torno dos temas do conhecimento, das relações entre educação e sociedade, da educação escolar e da atuação pedagógica.

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

sobre a Pedagogia e a formação do profissional da educação, ou seja, a perspectivas já constantes em seus dois livros anteriores.<sup>6</sup>

Como já dito acima, depois de tratar da formação do profissional da educação, Mario Osorio se ocuparia com o tema da aprendizagem, como de fato aconteceu. O resultado desta sua nova pesquisa aparece no livro “A Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência”, publicado em 1995. A reflexão que este livro traz pode ser considerada como o coroamento de 10 anos de investigação sistemática, ou, como também se pode dizer, de 10 anos de aprendizagem feita pelo próprio autor. Tudo havia começado com uma pergunta relativamente singela, mas não de fácil ou simples resposta: – Afinal, o que significa ou o que está implicado numa situação em que uma turma de crianças ou jovens se encontra na presença de um professor numa sala de aula? O próximo tópico deste escrito será destinado ao desdobramento das linhas gerais deste estudo.

Ainda na perspectiva de oferecer uma visão geral da obra de Mario Osorio, cabe destacar que em 1996 surge a possibilidade de ele fazer o seu doutorado, na condição de ingresso com notório saber no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Sua tese, escrita no período de dois meses, retoma e configura em nova visão de síntese as linhas gerais de seu aprendizado como pesquisador em educação. Assim, sob o título “Educação/Interlocução, Aprendizagem/Reconstrução de Saberes”, Mario Osorio obtém o título de doutor em educação, sendo sua tese publicada em livro, com o mesmo título, em 1996.

Com a sistematização feita por ocasião de sua tese de doutoramento, Mario Osorio, por assim dizer, encerra um ciclo de pesquisas acerca de algumas temáticas recorrentes: o conhecimento, a racionalidade, a educação, a formação de professores, a aprendizagem e a docência. No entanto, para um pesquisador atento e inquieto não faltam questões para investigar. Quando ainda estava às voltas com a defesa de sua tese de doutorado – afinal, houve um intervalo entre a escrita da tese e a sessão de defesa<sup>7</sup> –, Mario Osorio iniciou o projeto “Escrever é Preciso: o princípio da pesquisa”, publicado em 1997. Este livro se

---

<sup>6</sup> Um artigo que esboça essa perspectiva de pensar a educação a partir de paradigmas do conhecimento foi publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (Marques, 1992b).

<sup>7</sup> Cabe ressaltar que Mario Osorio não ficava sequer um dia sem ter um projeto de pesquisa. Antes de concluir uma pesquisa ele já apresentava e discutia com os colegas o que seria o seu próximo projeto. Por óbvio, sua morte deixou inconclusos alguns desses seus projetos.

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

tornaria propriamente a sua obra mais difundida, mais lida, mais recomendada, especialmente no âmbito dos cursos de pós-graduação. Refletindo a partir de sua própria experiência como pesquisador, Mario Osorio parte da percepção de que boa parte do que se tem ensinado como Metodologia de Pesquisa serve mais para atrapalhar do que para ajudar. Esboça, então, uma perspectiva orientadora para o pesquisador que se atém efetivamente ao que interessa: um tema (com o qual se dorme e se acorda – “Quem aos porcos vai até as moitas lhe roncam”, costumava dizer); uma hipótese orientadora (o título provisoriamente posto no início de uma página em branco); a eleição de interlocutores (afinal, não se pode ficar falando sozinho, se precisa da certificação social daquilo que pensamos); e, o mais importante, ir escrevendo. Aliás, não pensar para escrever, mas escrever para pensar. Com essa inversão por ele proposta muito pesquisador já viu sua pesquisa desencalhar por esse país afora. Daí a razão do enorme sucesso deste livro.

Na sequência, Mario Osorio, às voltas com o impacto das novas tecnologias no âmbito da educação e, ele mesmo, reaprendendo com as novas linguagens à disposição, escreve “A Escola no Computador: Linguagens Rearticuladas, Educação Outra”, publicado em 1999. Este é um livro também imprescindível para todos os que se sentem desafiados pelas possibilidades da informática, da virtualidade, das novas tecnologias de informação e comunicação e que precisam assumir posições, considerando especialmente os contextos de formação humana, como o da escola. O título do livro já sugere a sua linha propositiva – a escola no computador e não o computador na escola – que poderia ser traduzida da seguinte forma: antes de abarrotar as escolas de computadores é preciso saber o que é a escola e o que dela se espera.

Por fim, e como que refletindo acerca de sua inserção no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ, Mario Osorio publica, em 2002, “Educação nas Ciências: Interlocução e Complementaridade”. Neste livro retoma, na perspectiva da educação nas ciências, as linhas fundamentais do seu pensamento desde os temas do conhecimento, dos paradigmas da racionalidade, da formação e da aprendizagem. Esta sua última publicação pode ser considerada uma deferência especial ao Programa de Pós-Graduação que ele mesmo idealizou em suas linhas organizativas e em sua sustentação teórica. A noção que sustenta e orienta a “educação nas ciências” é a de que uma boa compreensão do modo como uma ciência se constitui (dimensão epistêmica) já indica a forma

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

como esse saber deve ser comunicado em contextos de ensino (dimensão pedagógica). Já quanto a um programa de pós-graduação, entende que este constitui, fundamentalmente, um espaço institucionalizado aberto à aprendizagem acerca de temas da educação, sempre atento às questões que emergem das circunstâncias concretas e práticas dos educadores.

### **A tematização da aprendizagem: para além das abordagens cognitivistas**

Como anunciado acima, a sequência deste escrito se destina à apresentação da temática da aprendizagem na forma concebida e explicitada por Mario Osorio Marques. Para ele, a aprendizagem humana em geral, e que se desdobra também nas formas de aprender em espaços formais de educação, vai se sustentar em diferentes autores e campos de saber, o que lhe permite uma compreensão da aprendizagem como uma tarefa para a vida toda, a exemplo de como ele mesmo a testemunhou. Mario Osorio era marcado por uma inquietude constante, por um desejo de saber sempre mais e melhor. Sua convicção foi de que não há um ponto de chegada ou um teto que alguém, por mais sábio que fosse, pudesse alcançar como um estágio definitivo.

Como também já vimos no tópico anterior, foi depois de tratar sistematicamente dos temas do conhecimento, da Pedagogia e da formação do profissional da educação que Mario Osorio tratou da questão da aprendizagem. Suas pesquisas e reflexões resultaram no livro “A Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência”, publicado em 1995. Neste trabalho, Mario Osorio reflete profundamente sobre como nós humanos nos constituímos através de processos de aprendizagem e como a mediação da docência se faz presente e possível neste processo. Trata-se de uma abordagem que se situa na perspectiva da constituição simbólica do mundo da vida, em que sujeitos objetivam a natureza, constituem sociedade e se singularizam através de processos de aprendizagem mediados linguisticamente. Já na introdução deste livro, Mario Osorio indica claramente para o que entende por aprendizagem, numa conceituação que vai bem para além daquelas percepções que, em seu entender, seriam percepções reducionistas do tema. Assim escreve ele:

[...] o tema da aprendizagem, entendida [esta] não como simples adaptação ao que existe, ou mero acréscimo de conhecimentos e habilidades, mas posta na ótica de concreta configuração, reconstrução autotranscendente, do ser homem singularizado entre os homens (Marques, 1995, p. 10).

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

Antes, porém, de desdobrar os diversos sentidos desse entendimento de aprendizagem importa fazer uma observação importante. Diferentemente do que costuma ocorrer com muitos dos que se inserem num debate acadêmico pela pesquisa, Mario Osorio não afirma suas posições criticando algum autor, alguma corrente, ou mesmo alguma forma de pensar hegemonicamente estabelecida. Sua postura é outra. Em seus escritos ele não se ocupa em desfazer o que outros fizeram, ou em negar o que outros propuseram. Por ter pensamento próprio, incorpora de outros pesquisadores o que considera importante, deixando de fazer referência àquilo que, em seu entender, não é adequado, ou que não se articula ao seu modo de apreender os temas dos quais está tratando. É isso que ocorre com as tematizações acerca do conhecimento, da Pedagogia, da formação dos professores e que é, também, o que ocorre com relação ao tema da aprendizagem.

Voltando, então, para a tematização da aprendizagem, quais caminhos já amplamente aplainados pelo debate acadêmico Mario Osorio não vai trilhar? Caminhos que obviamente sabia existirem, vindo, inclusive, a deles se valer à medida que podiam interessar a sua abordagem. Ao tratar da aprendizagem, Mario Osorio considera importante desvincular a questão de seus vínculos com a epistemologia clássica e de sua forma de pensar o conhecimento ao modo de uma relação sujeito-objeto. Pode-se sustentar tal percepção a partir da constatação de que ele escreveu dois livros sobre conhecimento e educação. O primeiro, publicado em 1988, e o segundo, publicado em 1993. A retomada do tema, através de um segundo livro, foi, exatamente, para se desvencilhar do viés epistemológico no tratamento do tema da aprendizagem. Percebia ele que não conseguiria tratar adequadamente da aprendizagem das novas gerações na mediação da docência estando vinculado, de alguma forma, aos pressupostos epistemológicos da metafísica clássica ou da moderna filosofia da consciência ou da subjetividade.

O livro “Conhecimento e Educação”, de 1988, foi um primeiro estudo seu acerca do conhecimento e de sua articulação com a educação. Nesta obra, Mario Osorio reconstrói o tema do conhecimento desde as origens no pensamento ocidental, orientando-se pela noção de que conhecimento e realidade se geram mutuamente. Ou seja, nessa percepção o conhecimento se articula com a realidade, num processo de intergênese que ocorre na unidade do sujeito e do objeto. Embora este estudo apresentasse um *insight* interessante sobre conhecimento e educação, há aí ainda um comprometimento do pensamento com o esquema

sujeito-objeto, que já no seu segundo estudo sistemático – “Pedagogia, a Ciência do Educador” – ele busca superar, aproximando-se do conceito de ação comunicativa e assumindo o que ele mesmo chama de um novo paradigma, o da intersubjetividade linguística, que permite pensar uma “razão de muitas vozes” e perceber a realidade na complexidade de suas dimensões complementares. Assim, as suas novas reflexões e interlocuções lhe sugeriam, àquela altura, a necessidade de fazer um novo tratado acerca do tema do conhecimento, permitindo-lhe apontar na direção de uma modernidade reconstruída sob uma razão ampliada, uma razão comunicativa. Escreve, então, “Conhecimento e Modernidade em Reconstrução”, publicado em 1993, que se constituiria base de uma das disciplinas propostas para o Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí, inicialmente por ele mesmo ministrada.

É bom marcar aqui que é na esteira do filósofo contemporâneo Jürgen Habermas que Mario Osorio embasa sua guinada teórica no tratamento do tema do conhecimento. Esse filósofo, em sua análise dos desdobramentos do paradigma das relações sujeito-objeto ao longo da tradição filosófica, já tinha identificado na moderna filosofia da consciência a autocompreensão que “distingue o ser humano pelo monopólio de se opor ao ente, reconhecer e tratar objetos, fazer e cumprir afirmações verdadeiras...”, resultando num reducionismo epistemológico à medida que a relação do ser humano com o mundo “é reduzida à capacidade de conhecer estados de coisas existentes ou de as produzir de forma racional propositada” (Habermas, 1990, p. 288-289). E é com base nessa compreensão crítica que Habermas inaugura uma nova fase no seu pensamento a partir da publicação de sua *Teoria do Agir Comunicativo* (1987b). Mario Osorio, por sua vez, acompanha essa guinada do filósofo, que se expressa na forma de uma guinada linguístico-pragmática, tornando-se um dos pioneiros no Brasil a desdobrar essa mudança de paradigma para o campo da educação, incluindo o tema da aprendizagem.

E o que essa guinada na compreensão do tema do conhecimento impacta na forma da abordagem do tema da aprendizagem?

Impacta pelo fato de a aprendizagem deixar de ter o seu foco na relação de um sujeito que se depara com uma realidade a ser conhecida e dominada, com o que também perde o seu lugar privilegiado a tradicional pergunta acerca da aprendizagem, de viés claramente cognitivista, qual seja: – Como é possível passar de um menor conhecimento para

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

um maior conhecimento? Junto com a pergunta de viés cognitivista também perde status a dupla de questões que fortemente tem pautado a formação docente: – “O quê” ensinar e “como” fazer isso da melhor forma possível?

Ao não se fazer essas perguntas, mas uma outra que vamos explicitar logo mais, Mario Osorio deixa de se embrenhar num campo altamente minado de polêmicas que vêm de longa data, esquivando-se, também, de pensar a própria docência na esteira dessas polêmicas. Quais são essas polêmicas?

Podemos dizer que boa parte dos entendimentos acerca da forma pedagógica de condução da aprendizagem humana tem sido construída na esteira das principais teorias do conhecimento ou, então, como crítica a essas mesmas teorias, mas sem propriamente conseguir avançar para além delas. A filosofia grega, através de Platão e Aristóteles, indicou para duas possibilidades de constituição do conhecimento e, em consequência, de como entender o processo da própria formação humana, respectivamente: como processo de desdobramento a partir do sujeito (inatismo, apriorismo, racionalismo) e como processo de aquisição/captação a partir da realidade já posta (realismo, empirismo). Apesar das diferenças entre as duas posições e das dificuldades que as acompanham, elas demarcaram o campo teórico do conhecimento como espaço de discussão das relações entre sujeito e objeto, o que, hoje, e sob um novo olhar, configura um reducionismo tanto da compreensão da questão do conhecimento como das possibilidades de resolução das complexas relações que articulam o indivíduo e o mundo comum.

Em todo caso, o que se pode observar é que as principais correntes pedagógicas modernas e contemporâneas são tributárias desse pressuposto epistemológico, inclinando-se mais para o lado do primado do sujeito ou mais para o lado do primado do objeto, como já atestava John Dewey ao afirmar que:

A história da teoria de educação está marcada pela oposição entre a ideia de que educação é desenvolvimento de dentro para fora e a de que é a formação de fora para dentro; a de que se baseia nos dotes naturais e a de que é um processo de vencer as inclinações naturais e substituí-las por hábitos adquiridos sob pressão externa (1979, p. 3).

Também Paulo Freire já havia identificado a influência dessas perspectivas de conhecimento no que ele chamava de “explicações unilateralmente subjetivista e objetivista”, implicando, respectivamente, em absurdos como o de se crer haver homens sem mundo ou,

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

então, mundo sem homens. Ambas as explicações, em se tornando modos de o homem se compreender no mundo são, conforme o autor, impeditivas de uma autopercepção como ser histórico e criador de sua própria realidade (Freire, 1983, p. 38-9; 1985, p. 74-5).

Pode-se dizer que mesmo algumas formas de síntese elaboradas em perspectiva dialética de sujeito e objeto não conseguem escamotear o pressuposto de que, em última instância, existem sujeitos antepostos a realidades objetificadas, com o que se mantém para a educação a tarefa de solucionar essa equação mediante o que se vai entender, então, por processos de aprendizagem. Talvez seja por isso que, mesmo que de forma não declarada, muitos dos educadores imaginam que seu trabalho consiste ou em extrair conhecimento dos seus alunos ou em botar conhecimento neles. Flagram-se sob essa perspectiva os próprios processos de formação de educadores preocupados sobremaneira em estabelecer “o quê” ensinar e a melhor forma de “como” fazer isso, centrando-se, por isso, na indicação dos conteúdos a serem estudados e nas formas didáticas e metodológicas para a sua transmissão e apropriação. De qualquer forma, permanece de modo marcante entre nós uma concepção de educação, e, mais propriamente, de pedagogia, como sendo um fazer utilitário, como uma ferramenta de condução e que opera ao modo de uma técnica ou estratégia, enfim, como um fazer constituído teórica e praticamente para a realização de uma “operação de passagem”, seja do professor para o aluno, seja de dentro do aluno para fora dele. De fato, se a questão apenas fosse essa (um tipo de operação em que se passa de um menor conhecimento para um maior conhecimento), muito provavelmente nem sempre a escola e nem sempre a companhia de um professor seriam a melhor opção.

### **A forma como se constituem homens e mundo: a aprendizagem sob novas perspectivas**

Quando a preocupação dos professores se centra no “o quê” e no “como” ensinar permanecem em segundo plano, ou alijadas do âmbito das preocupações, questões mais gerais e que, para Mario Osorio, são fundamentais: Afinal, para quê educar? Em que sentido o homem é educável? Qual a relação dos processos de formação com os pressupostos da vida em sociedade? E qual é, então, a nova pergunta que Mario Osorio vai se fazer para tentar responder à questão da aprendizagem? Ao invés de se perguntar, como indicamos acima,

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

como se pode passar de um menor conhecimento para um maior conhecimento (que incluiria, por exemplo, uma bomba com maior potencial de destruição), a pergunta é acerca do modo como sujeitos são capazes de estabelecer percepções intersubjetivas relativas ao mundo humano comum.

Tal pergunta sinaliza para as possibilidades da linguagem na construção de práticas de reconhecimento recíproco no processo de constituição do modo humano de ser e viver. Assim, parte-se da compreensão da linguagem como a “marca antropológica por excelência” e que permite recolocar em outro plano, já não em termos de relações sujeito-objeto, os processos de estruturação das individualidades e das coletividades, ou seja, as relações dos sujeitos individuais com o mundo comum. Assim, coloca-se, de saída, a questão de como podem sujeitos individuais articular-se em perspectiva intersubjetiva. Dito de outro modo, como a linguagem, ao orientar-se a entendimentos intersubjetivos, permite a estruturação de aprendizagens no âmbito das subjetividades, ou seja, permite formar indivíduos singularizados, ao mesmo tempo em que possibilita a estruturação do mundo comum. Além disso, e por mais pressa que se possa ter no alcance de metas educacionais e na obtenção de respostas imediatas para os problemas e demandas do mundo presente, há de se perguntar sobre quem somos e sobre o que nos torna humanos. Sinaliza-se, com base nessas perguntas, que autênticas experiências de aprendizagem, capazes de serem formativas, implicam o autoconhecimento e a capacidade de situar-se frente aos fundamentos antropológicos e éticos da condição humana.

A potencialidade estruturante da linguagem, tanto ao nível dos indivíduos como da coletividade humana, só é possível de ser verificada a partir das teorias pragmáticas, que consideram a linguagem sob o ponto de vista de seu emprego em contextos comunicativos e não apenas sob o ponto de vista linguístico e semântico. Isso porque na perspectiva das teorias pragmáticas já não interessam apenas as relações entre linguagem e mundo, mas, e especialmente, as relações que se estabelecem entre os sujeitos quando a linguagem é usada para referir-se ao mundo, o que equivale ao uso comunicativo da linguagem, presente em contextos de diálogo.

Assim, pode-se dizer que em perspectiva de diálogo os sujeitos se encontram para falarem de suas percepções, manifestando sentidos já elaborados em sua experiência cotidiana. Tais manifestações podem instigar novas percepções junto aos interlocutores

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

quando estes estão abertos ao diálogo. O assentimento ou não por parte desses sugere ao manifestante a reafirmação de seu ponto de vista ou, então, a sua revisão. É isso que permite dizer que “a linguagem concria e corporifica a realidade imediata do conhecimento” (Marques, 1993, p. 75).

Essa tomada de consciência acerca do papel fundamental da linguagem na constituição da vida humana vem ocorrendo não só no campo da filosofia, mas também em outras frentes de reflexão que se ocupam com os fenômenos da cultura, da sociabilidade e das formas de subjetivação. Tais fenômenos passam a ser compreendidos, então, a partir do pressuposto que em sua lógica estruturante se encontram indivíduos cuja espécie desenvolveu uma competência linguística. Por isso, entender como operam e produzem os indivíduos humanos em função desse diferencial de espécie se torna fundamental.

O diálogo, mais do que uma forma de comunicar verdades ou certezas, constitui um modo de testar percepções. Ao falar, o sujeito se abre às possibilidades de ter sua manifestação corroborada ou recusada. Nesse sentido, a atitude dialógica é sempre arriscada e, ao mesmo tempo, reconhecedora da própria insuficiência. No diálogo se pode contar apenas com a opinião do outro, com a sua manifestação de concordância ou não, para a validação do que se acredita ser uma percepção adequada de alguma realidade do mundo.

Cabe aqui lembrar Fernando Savater, quando afirma: “o que é próprio do homem não é tanto o mero aprender, mas o aprender com outros homens, o ser ensinado por eles” (2000, p. 39). E por mais que seja na mediação do outro, a aprendizagem sempre é uma realização de sujeitos. O outro é imprescindível para pôr à prova as nossas percepções, que sempre devem ser tomadas como pretensões de saber. No caso do seu assentimento, essas pretensões se fortalecem. Já no caso contrário, temos um indicativo para revisá-las.

Disso decorre que cada indivíduo aparece sob o horizonte da autoconstituição solidária da humanidade que se expressa como exercício de superação de toda e qualquer forma de opressão que negue o homem. Essa perspectiva ética tem o seu lugar de concretização nos processos de comunicação, na medida em que são as próprias condições e exigências do entendimento linguístico que requerem a superação das posturas objetivadoras nas relações entre os homens.

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

Nesse processo solidário de aprendizagem humana vamos constituindo o nosso mundo comum. Esse mundo é o que resulta dos modos específicos de agir que fomos capazes de desenvolver nas interações com o mundo natural, com os outros e conosco mesmos. Assim, como expressão de nossa diferenciação de espécie, produzimos cultura através da modificação contínua de nossos padrões de interação com o meio natural. Ou seja, revelamo-nos como criativos e inventivos, com o que acumulamos, através dos tempos, tecnologias, modos de intervir na natureza, de potencializar nossas capacidades de ação. No que se refere às relações com os outros constituímos uma sociedade na base de padrões de interação não mais regidos tão-somente pelos instintos ou pelas inclinações naturais. Assim, estabelecemos valores morais e éticos, regras de convivência e nos constituímos como seres políticos. Por fim, constituímos-nos como sujeitos com identidade própria, afirmando-nos na singularidade de nosso modo de ser.

Na perspectiva aqui esboçada recusam-se as referências externas (metafísicas), assim como as certezas da própria consciência, parâmetros utilizados em boa parte da tradição filosófica. Diferentemente dos pressupostos da metafísica e da filosofia da consciência, no diálogo se pode contar apenas com a opinião do outro, com a sua manifestação de concordância ou não, para a validação do que se acredita ser uma percepção adequada de alguma realidade do mundo. Enuncia-se aqui, obviamente, um procedimento que advém da interpretação hermenêutica, em que os participantes de um diálogo...

Ao tomarem parte em ações comunicativas, aceitam por princípio o mesmo status daqueles cujos proferimentos querem compreender. Eles não estão mais imunes às tomadas de posição por sim/não dos sujeitos de experiência ou dos leigos, mas empenham-se num processo de crítica recíproca. No quadro de um processo de entendimento mútuo – virtual ou atual – não há nada que permita decidir a priori quem tem de aprender de quem (Habermas, 1989, p. 43).

O aspecto importante a ser destacado é o fato de que o mundo humano, como fenômeno de cultura e de sociedade, resulta dessa possibilidade criadora, de aprendizagem propriamente dita, que emerge da comunicação. É sempre a mediação do outro, sob a forma de assentimento ou de recusa ao que é enunciado, que permite percepções e modos de agir que se modificam e se incrementam, permitindo uma interação inteligente e, possivelmente, razoável com o entorno natural e social.

O que se deve destacar é que Mario Osorio Marques faz essa guinada linguística, essa mudança de paradigma no entendimento do fenômeno humano, da educação e de toda a

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

dinâmica social e cultural, percebendo-os como produzidos simbolicamente. Isso significa que nós conseguimos nos entender, nos orientar, sabermos algo sobre nosso mundo e estabelecer alguma forma de crítica de suas patologias porque desenvolvemos a capacidade linguística. Afinal, é a linguagem que está na base operativa da construção da vida humana. Essa nova forma de compreender a totalidade da vida humana vai constituir-se no eixo articulador da construção do seu pensamento sobre educação e, também, sobre a aprendizagem e a docência.

O próprio título “Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência” pressupõe uma docência com tarefas que vão muito para além do mero acréscimo de conhecimentos e habilidades por parte do aluno. Esse “além” quer dizer, na linha do que Paulo Freire reflete sobre a relação pedagógica, que o professor também se modifica enquanto ensina, o que em nada sugere que ele possa ser um suporte estático de informações, ao modo como opera, por exemplo, uma tecnologia que apresenta dados e informações. De acordo com Mario Osorio Marques (1995, p. 118), a docência “Significa uma presença muito concreta, qualitativamente diversa da presença abstrata e ausente mediada pelos meios eletrônicos e pelos audiovisuais” (p. 118). Na sequência, ele cita Gudsdorf: “O professor fala, mas sua palavra não é somente uma palavra *diante* da classe, é uma palavra *dentro, com e para a classe*” (*apud* Marques, 1995, p. 118, grifos no original).

Esse aprender na mediação da docência também incorpora reflexões como as de Vygotsky, que mostra que aprendemos sozinhos ou com os pares até um determinado estágio, seja pela experiência do cotidiano, seja pelas informações disponibilizadas. Um estágio mais elevado, no entanto, só conseguimos alcançar com a mediação de um outro, de uma anterioridade pedagógica. É nessa perspectiva que se entende a docência como mediação de um outro que está mais bem inserido na dinâmica do conhecimento, conhecendo os seus meandros, as suas razões e justificativas de validade, mas que, ao mesmo tempo em que representa essa tradição cultural, também a reconstrói, refazendo a sua própria aprendizagem.

Já mais para o final do livro, Mario Osorio assim descreve a docência:

É a paixão pelo homem que faz o educador. Apesar das desigualdades e angústias, o autêntico professor acredita no homem que está no aluno e busca conferir-lhe o imenso privilégio de acreditar em si. Currículos, programas, matérias e materiais do ensino, metodologias e técnicas: tudo o mais são apenas pretextos para a densidade da relação que se estabelece entre homens que se respeitam e admiram. Constituem-se a docência e a aprendizagem no relacionamento pedagógico da palavra da ação e da

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

ação da palavra, pelas quais os sujeitos se fazem singularizados em sua genericidade humana (Marques, 1995, p. 123).

E agora, voltemos novamente ao conceito de aprendizagem de Mario Osorio já indicado anteriormente:

“[...] o tema da aprendizagem, entendida [esta] não como simples adaptação ao que existe, ou mero acréscimo de conhecimentos e habilidades, mas posta na ótica de concreta configuração, reconstrução autotranscendente, do ser homem singularizado entre os homens” (Marques, 1995, p. 10).

Isso significa, tomar a aprendizagem não como aquilo que se venha a acrescentar ao que já sabemos, mas uma aprendizagem autotransformadora, que faz com que o sujeito se torne alguém único, singular, irrepetível. Em outros termos, uma aprendizagem mediante a qual parcela do mundo humano (da cultura, da sociedade, do modo humano de se expressar) se renova através de um sujeito que aprende, já que o artifício do mundo só se mantém e se reproduz através de sujeitos aprendentes.

### **À guisa de conclusão: o legado de vida de Mario Osorio Marques**

Para além dessa explicitação teórica da configuração do seu pensamento, importa, também, referir o legado de vida de Mario Osorio, evidenciando que esse seu modo de pensar se torna também uma prática de vida, um testemunho a nós legado.

Mario Osorio se percebia como ser aprendente, mas aprendente na mediação do outro, o que exigia um profundo sentido de alteridade. Alteridade entendida aqui como capacidade de incorporar o sentido do outro, a percepção do outro. Trata-se da capacidade de se colocar na escuta do outro, incorporar o seu ponto de vista, ampliar a percepção de si mesmo, reconhecer os seus limites, enfim, repensar-se a partir do outro. A partir da escuta do outro ele fazia uma nova elaboração, o que evitava o solipsismo, prevenindo-o contra o que seria o empobrecimento em sua própria perspectiva. Foi isso que permitiu que ele continuasse a ser um sujeito criativo e inovador até o fim de seus dias. Afinal, ele tinha essa capacidade de dialogar com o outro, de escutá-lo, para que, ao voltar para o seu escritório, pudesse incrementar a sua reflexão e o seu escrito com essa percepção que alguém outro lhe proporcionasse. Por mais sofisticadas que fossem as suas elaborações teóricas, na perspectiva dele sempre eram provisórias. Provisórias até que um outro lhe fizesse algum tipo de questionamento ou dissesse alguma coisa que colocasse em questão a sua perspectiva. Não

## FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES

gostava e não queria que seus escritos fossem simplesmente elogiados. Esperava, isso sim, alguma pergunta, alguma dúvida ou mesmo alguma crítica. Até porque isso era uma demonstração que o seu escrito tinha sido lido, que havia despertado algum pensamento, alguma reflexão.

Em sua vida, Mario Osorio assumiu uma postura de diálogo, de reconhecimento da perspectiva do outro, sabendo que sozinho nada poderia saber, a não ser que o outro o avalizasse, que o outro lhe dissesse se o que sabia ou o que estava pensando fazia algum sentido. Então é o reconhecimento absoluto de que o sujeito humano só se entende, só sabe algo sobre si, sobre os outros e sobre o mundo, se ele se entender com os outros, o que lhe coloca a necessidade de certificação social. E nesse sentido Mario Osorio não cansava de repetir: “Louco não é aquele que perdeu a razão, mas aquele que acha que tem razão sozinho”. Ou seja, não dá para ter razão sozinho. E, mais do que isso, é preciso sempre considerar a possibilidade de o outro ter razão, como nos recomenda a boa tradição hermenêutica. Agora, quem se abre à crítica do outro, quem testa as suas percepções com os outros, este, sim, é capaz de incorporar um sentido de razoabilidade em seu pensar e agir. A assunção dessa perspectiva fez com que Mario Osorio não enlouquecesse em seus pensamentos, ficando lúcido e criativo até o final de sua vida. Ele sabia que a jovialidade de seu pensamento implicava o contínuo testar de suas percepções com os outros, por mais convicção que tivesse acerca delas.

Os que conheceram Mario Osorio lembram de inúmeras situações em que ele iniciava uma reunião defendendo ardorosamente determinada ideia, determinada proposta. Depois deixava que os demais falassem, criticassem suas percepções, suas propostas. Permanecendo sereno, sem se afligir e sem contestar as críticas, passava a refletir sobre a opinião dos outros, sobre o ponto de vista dos outros. E, não raras vezes, além de concordar plenamente com as opiniões dos outros, assumia as consequências práticas dessas opiniões, incorporando também tais perspectivas em sua produção teórica. Assim, podia acontecer que num dia se fazia algum debate, uma discussão com colegas e, no outro, antes das 8 horas da manhã, a perspectiva dos outros estava incorporada no trabalho de sua pesquisa.

Então, e em síntese, como o Mario Osorio aprendia, ou melhor, como ele se constituía? Ele se constituía pela mediação dos outros, entendendo que era no diálogo solidário com outros humanos que se lhe apresentava uma oportunidade para aprofundar a sua

**FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES**

autopercepção, para se singularizar. Outros a quem também permitia que se singularizassem, porque não impunha o seu ponto de vista, não pedia que os outros pensassem ou agissem como ele. Assim, ao falar com seus colegas, ao discutir um assunto com os seus alunos, no fundo ele sempre sabia que apenas estava discutindo e testando a sua diferença, a fim de se repensar, coisa que ele sabia só poder fazer à luz de seus próprios pensamentos e referenciais, a partir do que vinha pensando ou experimentando. E, obviamente, o que ele incorporava não era exatamente aquilo que o outro dizia, ou imaginava estar dizendo. Mario Osorio tinha consciência disso ao dizer que “[...] não se pode incorrer na ilusão de que, pelo fato de usarem as mesmas palavras, estejam todos operando com os mesmos conceitos, quer dizer, com a explicitação do mesmo sistema de referências” (1995, p. 122). Disso resulta uma consequência óbvia, a de que as palavras podem ser as mesmas, mas o que elas significam depende sempre de quem as diz ou de quem as escuta. Nesse sentido, em vários momentos de sua obra temos indicativos que apontam para uma compreensão da linguagem não como operação de transferência ou de transmissão, mas como possibilitadora do processo de autoconstrução de cada sujeito.

Como aqui se buscou mostrar, Mario Osorio Marques se debruçou sobre temas basilares do pensamento e da prática educacional. Sua vasta cultura humanista e filosófica permitiu que temas como o do conhecimento, da Pedagogia, da formação docente, da aprendizagem, dentre outros, fossem revisitados sob novas perspectivas. Mais do que polemizar com determinadas posições vigentes no âmbito do debate educacional, Mario Osorio tratava seus temas à luz das tradições em que emergiram, ao mesmo tempo em que ousava reconstruí-los sob novas perspectivas que se apresentavam. Sempre atento às novidades, e sem abrir mão de suas convicções mais caras, dentre as quais destacamos o profundo sentido de alteridade, critério fundamental para suas escolhas teóricas, conseguiu um lugar de destaque como intelectual e pensador da educação. Mas para quem teve o privilégio de conviver com ele jamais esquecerá o seu legado de vida. Legado que talvez não esteja no fato de ter ensinado a muitos, mas de ter conseguido aprender com todos que lhe cruzavam o caminho. E, quem sabe, tenha sido este o seu diferencial que o fez um grande homem e que, por isso, continuava um “jovem menino” até o último de seus dias.

## REFERÊNCIAS

- BOUFLEUER, José Pedro. Interesses humanos e currículo: paradigmas, tendências ou dimensões? *Educação e Realidade*. Porto Alegre: FAGED-UFRGS, 18(2): 97-108, jul./dez., 1993. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/3053/319>. Acesso em 16/01/2025.
- DEWEY, John. *Experiência e educação*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1987b. Tomos I e II.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- MARQUES, Mario Osorio. *Universidade emergente: o ensino superior brasileiro em Ijuí*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1984.
- MARQUES, Mario Osorio. *Conhecimento e educação*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1988.
- MARQUES, Mario Osorio. *Pedagogia: a ciência do educador*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1990.
- MARQUES, Mario Osorio. *A formação do profissional da educação*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1992a.
- MARQUES, Mario Osorio. Os paradigmas da educação. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília: MEC-INEP, v.73, n.175, p.547-565, set.-dez. 1992b. Disponível em: <file:///D:/Usuario/Downloads/103-292-PB.pdf>. Acesso 16/01/2025.
- MARQUES, Mario Osorio. *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1993.
- MARQUES, Mario Osorio. *A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1995.
- MARQUES, Mario Osorio. *Educação/interlocução, aprendizagem/reconstrução de saberes*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1996.
- MARQUES, Mario Osorio. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

**FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM EM MARIO OSORIO MARQUES**

MARQUES, Mario Osorio. *A escola no computador: linguagens articuladas, educação outra*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

MARQUES, Mario Osorio. *Educação nas ciências: interlocução e complementaridade*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A teoria da educação no conflito das racionalidades. *Educação e debate*. Fortaleza, 14(2), jul./dez., 1987, p. 1-19. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/13958>. Acesso em 16/01/2025.

SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Autor correspondente:

José Pedro Boufleuer

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí.

Rua do Comércio, Nº 3000 – Bairro Universitário. Ijuí/RS, Brasil. CEP 98700-000

[jospebou@unijui.edu.br](mailto:jospebou@unijui.edu.br)

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

